

**FACULDADE SÃO JUDAS TADEU
CURSO DE PEDAGOGIA**

THAISA BARBOZA DA ROCHA.

DINÂMICA INTERRELACIONAL FAMILIAR ENTRE OS IRMÃOS

**Rio de Janeiro
2016.1**

**FACULDADE SÃO JUDAS TADEU
CURSO DE PEDAGOGIA**

THAISA BARBOZA DA ROCHA.

DINÂMICA INTERRELACIONAL FAMILIAR ENTRE OS IRMÃOS

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade São Judas Tadeu como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, sob a orientação do professor Artur M. Salles.

**Rio de Janeiro
2016.1**

TERMO DE APROVAÇÃO

THAISA BARBOZA DA ROCHA. DINÂMICA INTERRELACIONAL FAMILIAR ENTRE OS IRMÃOS

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso à Faculdade São Judas Tadeu como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia, aprovado pela seguinte banca examinadora:

Professor Me. Orientador Arthur Monteiro Salles
Faculdade São Judas Tadeu

Professora Me. Cristiane Bomfim Cruz do Nascimento
Faculdade São Judas Tadeu

Professora Especialista Denise Faria da Cunha
Faculdade São Judas Tadeu

Rio de Janeiro, 20 de Junho de 2016.

RESUMO

Este artigo aborda as relações de competitividade entre os irmãos com o objetivo da investigação bibliográfica. Destacando a luta pela conquista de superioridade, motivado pelo inato humana rivalidade e estabelece uma inter-relação competitiva sendo clara ou oculta, em vários graus promovendo a formação de personalidade do individuo e sua posição na sociedade. Despertando no professor um olhar diferenciado para cada aluno, pois essa rivalidade poderá atingir seu cognitivo e seu afeto entre os colegas de sala de aula.

Palavras-chave: Sentimento de superioridade. Competitividade entre irmãos. Rivalidade. Superação.

ABSTRACT

This article discusses the relative competitiveness of the brothers with the aim of bibliographic research. Highlighting the struggle for superiority, motivated by human innate rivalry and establishes a competitive interrelation being clear or hidden, to varying degrees promoting personality formation of the individual and their position in society. Arousing the teacher a different look for each student because this rivalry could reach their cognitive and their affection among classmates.

Keywords: Sense of superiority. Competitiveness between siblings. Rivalry. Overrun.

INTRODUÇÃO

O projeto foi pensado na intenção de relatar sobre o sentimento de competitividade entre os irmãos e como esse relacionamento entre eles desperta uma rivalidade mutua não declarada.

Almejando um esclarecimento mais amplo sobre o problema, foi escolhido esse tema, que admite não só sob o ponto de vista psicológico, mais também um olhar pedagógico, principalmente para nos despertar em como o educador pode identificar através do comportamento do aluno o que essa rivalidade tem atingido, seja através de suas notas, atitudes e comportamento.

Através de uma aula do Professor Arthur Salles sobre o sentimento competitividade entre os irmãos e a influência de atitude dos pais, de acordo com suas idades e seus papeis no meio inter familiar, ao longo da vida familiar dos filhos, tomamos de base o autor Alfred Adler criador da Psicologia Individual.

Sabe-se que o ser humano desde cedo vivencia sua integração social, inclusive sob influência do que ele mesmo desconhece, e passa anos construindo sua personalidade, buscando um modo ideal para ser visto como alguém que “tem poder”, Segundo Adler (1926).

Desse modo, ele iniciará sua participação no 1º meio social pós-familiar, ou seja, na escola, já com um modelo de comportamento formatado no lar em seus primeiros anos de vida. Conseqüentemente tenderá a interagir com seus colegas de classe (ou “irmãos;” simbolicamente) e seus professores (figuras parentais), do mesmo modo como fazia no ambiente de casa. Isso poderá gerar repercussões emocionais atingindo suas relações interpessoais no âmbito escolar e até mesmo o seu rendimento escolar.

A luta pela conquista de superioridade, motivado pelo inato “desejo de poder” humano, lança os irmãos em uma dinâmica de rivalidade e estabelece uma inter-relação competitiva sendo clara ou velada, em maior ou menor grau, o que influenciará também na formação de personalidade. Eis um comportamento que o caracterizará em suas relações sociais doravante, na casa, na escola, nos grupos, vida afora.

Será que a competitividade entre irmãos, inerente a qualquer família, contribui na sua formação de suas personalidades e realmente pode influenciar suas vidas sociais? Esse projeto explorará e mostrará a inter-relação entre os irmãos à luz da rivalidade e competitividade/colaboração entre eles com o objetivo de esclarecer sua influência tanto no comportamento de cada um, na como inter-relação entre eles, e também analisar como os pais influenciam nessa dinâmica competitividade.

Para a realização do projeto sobre o sentimento de competitividade entre irmãos, dentro de casa, da escola e do sistema social mais amplo, foi necessária a leitura e pesquisa de artigos científicos e livros, sobretudo a internet, que é hoje um aliado para o desenvolvimento da leitura.

Como se trata de um tema pouco conhecido, o primeiro passo foi pesquisar sobre o autor Alfred Adler e sua teoria, baseando-se também em um caso clínico acompanhado pelo Professor e Doutor Arthur Salles.

A partir da pesquisa realizada foi possível concluir que o sentimento de competitividade de fato interfere no relacionamento intrafamiliar, com desdobramentos importantes na vida escolar do aluno, em seu aprendizado e em sua vida social mais ampla. Assim o filho que receba mais proteção e maior investimento parental, por exemplo, tenderá a se tornar mais competitivo dentro da sociedade e principalmente na escola interferindo no aprendizado e no afeto com os seus colegas de turma transformando seu comportamento e regredindo em suas notas.

A luta pela superação do sentimento de inferioridade se torna incansável, no ambiente social em que o indivíduo esteja, pois eventuais feridas emocionais dolorosas, como a rejeição e o desprezo, dentro ou fora do ambiente familiar constroem desastrosas consequências, tornando-se ao mesmo tempo um obstáculo e um incentivo para alcançar um lugar superior.

- **O indivíduo**

Segundo Adler (1924) o indivíduo tem “imperfeições” em seus padrões subjetivos, ou seja, feridas dolorosas deixadas ao longo da sua vida, principalmente em seus primeiros anos. Isso inconscientemente direcionará o foco de uma luta compensatória contínua que empreenderá de modo incessante na vida diária.

O "sentimento de compensação", portanto, nada mais é do que um fenômeno relativo ao "sentimento de inferioridade", visto que no início da vida somos fisicamente pequenos, desprovidos de poder e autonomia, e dominados por pessoas superiores, tendo possivelmente que aceitar ordens sem nada impor. Será uma espécie de luta pela sobrevivência iniciada para compensar o que supomos aserem nossas fraquezas.

Adler afirma que "a compensação é uma reação adaptativa e positiva que nos permite aproximar do nosso potencial total" (Adler, 1926, p.38), portanto a incapacidade de fazer uma compensação imediata durante toda a infância é e pode ser um fundamento de um sentimento de inferioridade.

Para o autor as experiências das crianças envolvem um sentimento de fraqueza, frustração e insuficiência de repercussão global no universo subjetivo. Daí decorre a luta para alcançar o poder, o respeito alheio, a visibilidade, ou seja, um importante estímulo desde a infância para motivar todo nosso desenvolvimento.

- **Busca da Perfeição**

Este autor denomina a "busca da perfeição" essa nova necessidade de suprir os sentimentos de inferioridade, uma tentativa de obter poder e força para facilitar uma adaptação melhor no sistema social. E para isso é necessário obter o reconhecimento coletivo de nossa suficiência.

Decerto por sua frágil constituição física na 1ª infância, época em que foi acometido por enfermidades seguidas debilitantes - o que lhe permitiu ensaiar seus 1º passos somente aos 4 anos de idade -, além do fato de ser um homem de baixa estatura - chegou a ser chamado de "o baixinho de Viena" -, este conjunto de elementos fez com que Adler tivesse uma preocupação com a dimensão biológica e com o aspecto físico. Enquanto Freud privilegiava a sexualidade, para Adler a compensação e o interesse social são o mais importante.

Adler desenvolveu conceitos importantes para construção da personalidade que são:

Sentimento de inferioridade – é um sentimento de desvalor e incapacidade inerente à criança, e que pode ou não ser maximizado em função de diferentes condições;

Self - o “eu” subjetivo e inconsciente é um elemento primordial para a construção da personalidade, ou seja, o indivíduo constrói a personalidade com as suas experiências, dando sentido à sua vida e tornando-se ativo na vida humana;

Estilo de vida – padrão de conduta que torna cada indivíduo único, a sua personalidade, para perseguir seu foco de vida;

Luta pela superioridade - com origem no primitivo instinto de sobrevivência e, conseqüentemente, impulso de adquirir poder sobre o ambiente. É algo inato também, e que direciona o foco do indivíduo na sua luta contra os obstáculos;

Interesse social- é alimentado pela experiência vivencial e a compensação pela luta contra a fraqueza individual.

Adler (1926) deixa claro que os seres humanos são movidos e motivados por marcas que tentam suprir, gerando uma luta mútua entre si numa dinâmica relacional competitiva que tem como pano de fundo o sistema social.

De acordo com o criador de Psicologia Individual o estilo de vida de cada um se desenvolve em função das relações entre pais e filhos, de acordo com o tamanho da família, ou seja, a inter-relação entre os irmãos, da quantidade de filhos e de seus papéis dentro da família.

- **O Sentimento de competitividade dos irmãos.**

O fato de ser o mais novo, o do meio ou mais velho dentre os irmãos, tanto quanto as mudanças que ocorrem com o nascimento de mais um, carregam uma grande influência que vai direcionando a construção do estilo de vida daquele ser. Como foi dito, o sentimento de inferioridade pode ou não ser intensificado em inúmeras situações. Em outras palavras, pode ser em decorrência:

- De sua pequenez, em relação aos adultos ou aos irmãos mais velhos;
- De sua dependência plena e necessidade de buscar segurança;
- De sua falta de autonomia, e sua falta de domínio sobre si, sobre o entorno e sobre os outros;
- De sua inexperiência e, conseqüentemente, da incapacidade de autodefesa;
- De se encontrar na incômoda posição de ter que “obedecer” às ordens, normas e determinações familiares, ao invés de estabelecê-las;
- Das limitações impostas à sua liberdade, ou seja, às coisas que simplesmente queria realizar seguindo os seus desejos;
- Da qualidade, quantidade e intensidade do que recebe dos familiares: elogios ou reprimendas, reforços ou punições, aceitação ou exclusão, carinho ou desamor, acolhimento ou abandono, afetividade ou maus tratos, valorização ou condenação, amparo ou rejeição;
- Da repercussão familiar e social de seus atributos, ou seja, de como suas características pessoais são encaradas naquela cultura. São recebidas positiva ou negativamente? Em aprovação ou reprovação? De modo inclusivo ou excludente?

Abaixo citamos exemplos de características individuais e algumas das eventuais repercussões que possam vir a causar dentro de determinadas características sociais:

Físicas: deficiências físicas ou aberrações orgânicas que estigmatizem, beleza física ou aparência exuberante;

Psíquicas: limitações cognitivas ou inteligência precária, Elevada inteligência, padrão cultural;

Emocionais: apresentar atitudes geralmente valorizadas como coragem, destemor ou segurança, Demonstrar sentimentos que a maioria das sociedades condena como medo ou fraqueza,

Sociais: ter como origem ou pertencer a um grupo com limitações socioeconômicas (comunidades), ou a um bairro da periferia, a uma cidade pequena do interior, ou a um país do 3º mundo; Ser de uma classe social ou de um bairro, localidade, cidade ou país valorizados (1º mundo);

Religiosas: pertencer ou demonstrar inclinação por algum tipo de religião que conte com o respeito comum, Pertencer a um grupo religioso que possa despertar reações preconceituosas: religiões afro-brasileiras, islamismo;

Étnicas: ser de origem étnica que desperte sentimentos ou atitudes preconceituosas (comumente negros ou índios); Ser de origem étnica que desperte reações de admiração (comumente brancos),

Segundo Adler (1924, p.58):

a posição ordinal de uma criança na sua família é de particular importância mas é o significado que a criança atribui a situação é que vai realmente determinar de que modo essa posição ordinal vai influenciar o seu estilo de vida.

Ou seja, os próprios pais quando estabelecem os princípios familiares criam uma atmosfera para a criança decidir o seu papel na família. Portanto, dependendo

do ambiente, da integração e da visão de mundo, os filhos desenvolverão atitudes bem diferentes.

O papel dos pais é primordial - esteja o filho na posição de mais novo, mais velho, do meio ou dentre vários irmãos - e quando não sabem conduzir cada situação, não raro criam uma situação de confronto estimulando a competitividade entre eles.

O primeiro filho - enquanto ainda é único - é o centro de todas as atenções e merecedor de toda a proteção e carinho, pois os pais de primeira viagem tentam de todas as formas não errar em nada. Mas com a chegada de um segundo filho tudo se transforma, colocando em risco o que foi construído para o primeiro, que passa a se sentir ameaçado ou desprezado. De todas as formas a criança tentará recuperar aquilo que foi perdido entre ela e seus pais, podendo regredir para todas as etapas por que já passou, ou então se tornará extremamente exigente, por exemplo. Essa luta nunca terá fim, seja num futuro imediato ou remoto, e seu objetivo será recuperar o que foi perdido com a chegada de um irmão, um lugar privilegiado que ocupava antes e que não reencontrará jamais. Tal como Rei que perdeu a majestade, e ele tenderá a ser movido por um eterno sentimento de frustração, que ao longo da vida irá remoê-lo sempre que se deparar com uma situação semelhante.

Assim, não lhe será confortável lidar e ultrapassar experiências de perda, tanto quando se sinta depreciado, ou desrespeito, ou desvalorizado. Talvez, sem saber exatamente o motivo, lhe surgirá um gosto amargo semelhante àquele que sentiu quando lhe foram retiradas as regalias em favor de um inoportuno competidor que acabara de nascer em forma de irmão.

Este será o seu perfil em casa com os irmãos, na escola, com os coleguinhas, nos diversos grupos de que venha a participar nas relações de vida adulta, no trabalho, e mesmo na família que eventualmente constitua, onde poderá se tornar um defensor da hierarquia, zelando pelo seu poder e autoridade. Poderá também se tornar fechado, desconfiando, evitando ou recusando o afeto e a aceitação alheia, uma postura inconsciente de defesa, para não correr o risco de passar novamente por aquela experiência de lhe serem retirados o que julgava serem seus direitos.

Este novo filho, paralelamente, encontrará um pouco mais de liberdade e menos superproteção por parte dos pais, mais experientes, e que não pretendem repetir as vivências e erros cometidos com o primeiro. De início não sentirá tanta rivalidade em relação ao mais velho, que já estava ali quando ele chegou. Portanto,

não viverá a experiência de ver sua supremacia absoluta ter que ser dividida com um rival que chegou para ficar.

O caçula também experimenta o sentimento de inferioridade, seja devido aos ataques dos mais velhos - quase sempre sutis e velados, longe dos olhos dos pais -, seja por ser fisicamente pequeno e incapaz de enfrentá-los, seja por não gozar da mesma independência e autonomia que eles, enfim, seja por uma série de coisas que os pais ainda não deixam que faça por ser “ainda muito pequeno.” Por isso, vai correr contra o tempo desejando que logo chegue o dia em que conseguirá alcançar os irmãos, o que logicamente nunca ocorrerá, pois quando finalmente for para a escola os outros já estarão em graus mais avanços, e assim sucessivamente.

O filho do meio poderá ser mais livre, ou, quem sabe, livre demais...

Popularmente chamado de “filho sanduíche”, ou seja, entre os “direitos do primogênito” e as “gracinhas do caçula”, o filho do meio irá supor que a “fatia do bolo afetivo” que lhe foi dada pela família é menor do que as dos outros. Empregará um esforço extra na ilusória tarefa de alcançar o mais velho, para enfim obter o reconhecimento parental de seu verdadeiro valor. Obviamente, jamais conseguirá alcançar o irmão mais velho, pelo menos durante a infância e a adolescência.

Adler batizou de “Complexo de Caim” – utilizando-se da imagem do fratricídio bíblico – este sentimento de inveja e competitividade entre os irmãos, inerente a qualquer família. O que varia é a intensidade dos afetos que os aproximam (amor) ou os afastam (ódio). Assim, haverá sempre um vínculo afetivo ambivalente (amor/ódio) em qualquer relação fraternal, variando apenas a intensidade e a proporção relativa de cada um desses sentimentos. Por conta disso, o filho do meio também se sentirá preterido em relação ao caçula, cuja “fragilidade” pela sempre menor idade sequestrará maior percentual de atenção e cuidados dos pais.

Conseqüentemente, por considerar sua posição dentro da família como desvalorizada e injustiçada, tenderá a introjetar um sentimento de desamor e menos valia que estará sempre presente no âmbito de suas relações. Compensatoriamente, certo de que seu núcleo familiar não lhe deu a devida importância, mais cedo e mais avidamente buscará reconhecimento para suprir seu vazio eterno, amargo e incômodo.

Vida afora não compactuará com situações de injustiça, pois quando frente a uma delas certamente se identificará com o injustiçado e sentirá emergir em si um sentimento de revolta sem que saiba identificar bem. Poderá também se transformar

num contestador ou num ativista de direitos humanos, ou num representante de minorias, ou ainda em um advogado ou homem da lei que promova a justiça. Por fim, na velhice avançada dos pais, será dentre os irmãos o que mais dará apoio e melhor cuidará dos idosos, numa tentativa inconsciente de conseguir enfim o amor e o reconhecimento dos pais que outrora lhe foram injustos.

O comportamento do segundo filho, se dominado por este sentimento de menosprezo, poderá ser focado em metas extremamente altas desprezando as pequenas conquistas.

Com a chegada de um terceiro filho a visão se transforma. Torna-se o caçula o diferencial da família, gozando de todos os privilégios e regalias – pois é “tão fragilzinho” e necessita de uma atenção maior -, crescendo mimado pelos pais, pelas avós e até mesmo pelos irmãos mais velhos, fato que mais tarde poderá vir a prejudicá-lo.

Bem como afirma Adler:

Seus pais convergem sobre ele todo seu zelo educativo e ele frequentemente torna-se dependente de outras pessoas para vencer as dificuldades em seus caminhos. (1967, p.143)

O filho mais novo também vivenciara situações peculiares, principalmente se houver uma maior diferença de idade entre ele e o do meio. Não raro isto ocorre, pois a maioria dos casais não se programa para ter mais de um ou dois filhos, sendo comum que uma 3ª gestação ocorra mais tardia e inesperadamente ou, conforme se diz popularmente, “surgiu por acidente”.

Caso esta distância etária seja um pouco maior poderá fazer com que os sentimentos dos irmãos mais velhos se confundam e se tornem ambivalentes, ou seja, por um lado haverá o referido sentimento competitivo, mas por outro lado já estarão surgindo os 1ºs rudimentos do instinto protetor paterno/materno. Usualmente referem-se a ele carinhosamente como “o meu irmãozinho (a)”, “maninha (o)” etc., não sendo mesmo incomum que o mais velho assuma algumas atitudes paterno-maternais. Ademais, os pais já com um pouco mais de idade e experiência serão menos rígidos e mais benevolentes.

Por esses motivos, a caçula receberá um percentual maior de atenção, carinho, regalias ou até de “mimo”, uma espécie de filho único com vários “papais” e “mamães”. São prerrogativas que fazem com que se sinta especial, o centro do universo familiar, acostumando-se à ideia de ser autêntico merecedor de tudo.

Tardiamente, contudo, ao ingressar nas relações sociais da vida adulta apresentará dificuldade tanto em abrir mão das suas vantagens como em recolocar-se numa posição de igual a todos, sem destaque em relação a qualquer um. Sofrerá com as exigências imparciais do mundo adulto e relutará contra a perda da “majestade”, posição que até então gozava. Consequentemente amadurecerá mais tarde, principalmente se comparado ao irmão do meio que, julgando-se desamado no mundo familiar, desde cedo partiu para “conquistar o mundo mais amplo”.

Decerto encontrará dificuldade em repartir com os outros, em assumir no casamento uma posição igualitária em relação ao cônjuge, em aceitar os colegas de trabalho como iguais. O mundo adulto o fará compreender através do sofrimento que aquela agradável superproteção vivenciada durante a infância acabara por minimizar a dimensão dos empecilhos inerentes à própria vida, falseando, assim, sua verdadeira noção de esforço e enfrentamento.

Genericamente o sentimento de inferioridade se traduz por um sentimento desagradável – ou mesmo neuroticamente opressivo – do qual a criança deseja se livrar. Em decorrência poderá surgir um esforço de superação com um investimento pessoal maciço para alcançar a meta que supõe suficientemente compensatória. Quanto mais intenso o sentimento de inferioridade, maior e mais arrojada a meta a ser alcançada. Contudo, a dimensão dessa meta pode ser amedrontadora, fazendo surgir o efeito inverso, ou seja, a criança fica estagnada ou mesmo retrocede para um nível de amadurecimento inferior pelo qual já tenha passado e transposto.

Nesse caso, o que se vê é uma criança que se mantém em sua posição de vítima, ou então que se torna medrosa, evitando quaisquer tipos de situações em que tenha que pôr à prova as suas capacidades, ou ainda excessivamente dependente, incapaz de tomar decisões e atitudes sozinha, com um comportamento de esquiva frente ao menor obstáculo.

Segundo Adler:

Não se torna menos ambicioso, mas adota a espécie de ambição que foca uma pessoa a desviar-se das situações satisfazendo-se em atividades estranhas aos problemas necessários da vida, com o fim de evitar o mais possível o perigo de ver postas em prova suas aptidões. (1967, p.140)

Eis, portanto, a condição que Adler define como neurose:

Todas as aspirações autênticas do neurótico e todas as suas tendências caem sob a ditadura de sua política de prestígio (3, pg 50), ... sua excessivamente ardorosa aspiração a dominar os outros é que o enferma (3, p 58)

As principais ferramentas utilizadas são: a incapacidade, o fracasso e a doença. São três das condições que mais atingem seus pais, responsáveis ou professores, e geram mais dividendos emocionais. Ao incorporar qualquer dos três modelos a criança implicitamente clama por auxílio, ajuda e proteção. Nada mais é do que uma estratégia articulada pelo inconsciente, fora da percepção da consciência, para manter os adultos “preocupados” e “com pena da criança, coitadinha”. Com isso, três objetivos são alcançados:

1. Mantém o monopólio do afeto e das atenções dos adultos, afinal de contas “trata-se de uma criança que precisa de todo o carinho e atenção”;
2. Elimina a concorrência fraterna (irmãos ou coleguinhas de sala), teoricamente mais crescida e independente;
3. Consegue se isentar das suas incômodas obrigações, tarefas e responsabilidades, afinal de contas “que adulto malvado irá obrigá-la a ir à escola, fazer os trabalhos de casa ou arrumar os brinquedos espalhados...?”

Conscientemente a criança poderá mesmo desejar não estar doente, mas o inconsciente entende que os lucros são maiores que as perdas.

Conforme explica Adler:

Em geral a enfermidade e o conceito de enfermidade significam para a criança mais do que acredita ordinariamente. Quem se disponha a estudar a alma infantil descobrirá que a enfermidade é para ela um acontecimento de máxima importância, e que, em quase todos os casos, o enfermar não lhe parece uma piora de vida, mas um alívio, e que inclusive chega a valorizar a enfermidade como um meio para conquistar ternura e poder, assim como certas vantagens na casa e na escola (3, p 359 e 350)

Para exemplificar a questão será transcrito abaixo um caso estudado pelo Professor Arthur Salles em sua clínica psicológica utilizando a interpretação dos sonhos e dos desenhos da paciente.

- **Caso clínico: A Tosse de Marina**

Marina, feminina, 10 anos, 4ª série do 1º segmento do 1º grau.

Os sonhos principais são os que se seguem:

1º - “Papai está na aula de inglês comigo” (o pai é de fato professor de inglês);

2º- “Sonhei que mamãe morreu”;

3º- “um garoto (a sonhante informa que na realidade ele gosta dela) corria atrás de mim. Daí aparece a minha colega de turma Joana (Marina diz que na vida real ela gosta dele, mas ele prefere a mim; por isso ela *me esnoba, é besta, acha ele um mico*)”.

Trata-se de aluna inteligente, mas calada, cujas notas variam entre “B” e “C”. Ultimamente piorou em matemática. Chama a atenção da professora o contraste entre a sua inteligência e o seu rendimento.

A mãe se preocupa com o fato da filha ter “tosse impertinente”, e não só com o rendimento escolar sofrível. Por causa da tosse levou-a a pediatras diferentes, ao otorrinolaringologista e fez radiografia dos pulmões que resultou dentro dos padrões de normalidade. Tem sido medicada, mas corre sempre para a cama da mãe. Agora a mãe o proibiu.

A menina repete ter medo de doença (não específica) e diz-se nervosa, as vezes “passa mal”, sobretudo depois de imaginar uma “coisa ruim”, em geral não consegue afastar do pensamento (de feição obsessiva), cujo conteúdo se refere a morte da mãe. Nesta situação a “mãe se aflige com a aflição da filha”, diz o pai também preocupado.

Trata-se de “filha do meio”, com uma irmã maior e outra mais nova. A mãe reconhece que a caçula é a “queridinha” da mãe e do pai, e informa que a mais velha conversa muito com o pai em inglês, fato que ele gosta muito.

Quando menorzinha, a cliente batia muito na caçula, apesar da vigilância, o que lhe custava “umas boas palmadas”. Então se agarrava com a avó, de visão e

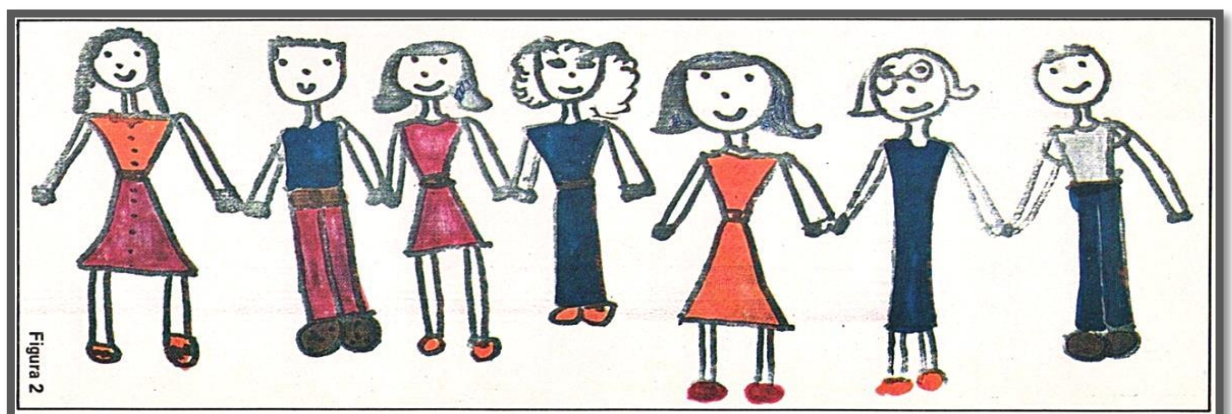
iniciativa precárias, e com o avô, ambos idosos, vivendo todos sob o mesmo teto. Houve tempo em a cliente fazia birra, dizendo contrariada que os “pais mandavam”, e em outras vezes, que queria ser sua própria mãe e estar no lugar desta. (...)

Procurando saber a razão de a caçula ser a “preferida” dos pais, a mãe explica que “não é bem assim, ela teve bronquite, sofria muito, tossia muito e espirrava também, daí nós (a mãe e o pai) cuidávamos dela, com medo botamos para dormir conosco”... “com medo de que tivesse uma doença”.

A cliente compreendeu a nossa interpretação: as “vantagens” de tossir! Com isso conseguiu o que queria, ou seja, ir também para a cama dos pais. “tinha medo de que?”, perguntamos, mas não soube responder precisamente. Por fim concordamos em que uma das piores formas do medo se refere a não se sentir estimada, querida. Porém, o medo ligava-se, também, à morte da mãe, ou melhor, a ideia dela, filha, ficar conseqüentemente em desvantagem, sem segurança – mesmo que isto fosse desejado.

Quanto ao sonho de estar na aula de inglês com o pai, compreendeu que seria desfrutar de regalias, ter o “poder” da irmã mais velha, de estar no lugar dela e, ao mesmo tempo no da mãe. Verifique-se que o diálogo em inglês é uma prática admirada pelo pai, tratando-se, portanto, de um sonho de “compensação”. A mãe “morrer” é uma solução amoral, compensadora, porém conscientemente conflitiva. Mesmo sem considerar as imposições éticas, particularmente oriundas da educação, matar a mãe é “solução de Electra” descrita por Jung, representando a aquisição do poder.

No desenho abaixo Marina colocou, da esquerda para a direita: a irmã mais velha, o pai, a caçula, a mãe, ela, a avó e o avô. Respondeu também que as cores que mais gostava eram, na ordem: vermelho, azul e laranja.



Progressivamente foi sendo esclarecida sobre como dispôs os elementos do desenho. O pai está ao lado da outra “preferida”, a irmã mais velha com quem tanto conversava. A caçula está “protegida” entre os pais, tal como também dormia entre eles. A paciente se retrata como a de maior estatura, ou seja, para ultrapassar as “concorrentes” e compensar o seu sentimento de inferioridade diante delas (é a maior, mas é quem está mais abaixo no desenho). Todos estão de mãos dadas, menos Marina e a mãe, o que separa o grupo em duas famílias: 1- os pais e as irmãs, núcleo ao qual imagina não pertencer (mãos separadas), e 2- Marina e os avós. Como se sente excluída do 1º, a paciente constrói um novo núcleo, buscando apoio nos avós, uma espécie de sub família (pois estão um pouco abaixo da 1ª), mas é melhor do que estar totalmente sozinha. A forma como as cores são distribuídas também reflete a visão de Marina sobre quem tem mais e quem tem menos valor: a caçula parece ser a mais privilegiada, pois veste vermelho, seguida da mais velha (saia vermelha); depois vem os pais, de azul, e também a avó, de quem busca apoio direto; por fim, se colore de laranja, a cor que menos gosta, ou seja, a de menor valor.

Começou então a entender que a sua tosse – cuja causa física não foi encontrada pelos médicos – na verdade era psicogênica, ou seja, um artifício utilizado pelo seu inconsciente para sequestrar a atenção, cuidados e carinho de todos. Afinal, no passado quando a caçula esteve doente “com tosse”, logo se tornou o foco da atenção de todos, conseguindo, inclusive, ficar dormindo na cama dos pais e entre eles. Aos poucos foi se conscientizando de que incorporara a tosse como meio para se tornar a preferida, ao invés de preterida.

Com o passar das seções foi melhorando a tosse, inclusive por que compreendeu que em breve irá crescer que terá e será as mesmas coisas que a mãe e a irmã, isto é, não exatamente as mesmas da mãe, porém, os equivalentes, a conquistar. Na verdade acham-na, em casa, a mais procurada pelos coleguinhas.

Quanto à morte da mãe existe a fantasia de libertação versus a culpa. Por outro lado, não cabe sentir-se culpada, pois “a mãe terá de fato que morrer” (no sentido simbólico), ou seja, deverá morrer o seu passado afetivo, sua infância, sua dependência. Só assim nascerá a mulher independente, adulta e autoconfiante.

Ao fim do tratamento a menor deixou totalmente de tossir. O mesmo verificamos oito meses após, quando os pais também informaram que “antes a paciente era seca, renitente” em relação à mãe, mas “agora é mais carinhosa, ficou

compenetrada nos estudos, é mais vaidosa, escolhe as próprias roupas, pinta as unhas”. A professora atual informa que é boa aluna quanto ao rendimento e ao comportamento.

Dezessete meses após pediu à mãe que a trouxesse ao terapeuta sem lhe dizer os motivos. Queria “conversar” um pouco. Já passara pela menarca, e eram problemas de envolvimento sentimental, que discutimos. Tivemos ocasião de observar sua forma “adulta” de conversar, e ela mesma compreendeu aquele início de nova fase em sua vida, que enfrentava com coragem e discrição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após estudar e pesquisar sobre o tema escolhido foi possível observar que a competitividade entre irmãos, presente em qualquer família contribui na formação de sua personalidade e realmente pode influenciar em suas vidas sociais.

Despertando um olhar diferenciado para uma família de dez irmãos que vivem uma rivalidade e uma competitividade oculta entre si, mas que isso foi gerado enquanto a mãe ainda era viva, mas que deixou feridas dolorosas e que motivam um desejo de vencer e conquistar um poder acima de todos. O psiquismo humano considera todos válidos quando está em jogo a conquista da superioridade.

A luta pela superioridade e pelo poder, que é motivada pelo desejo humano, começa na infância e vai até a idade adulta. A dinâmica da rivalidade estabelece uma relação competitiva, sendo clara ou oculta, em alto ou baixo grau, e atinge a formação da personalidade. Significa dizer que aquele sentimento de competitividade presente no relacionamento familiar entre os irmãos, certamente poderá se refletir na vida social imediata (escola) e futura (sociedade).

Assim, na escola poderá tentar ser o centro de atenções, exercerem seu poder através da tirania, ou da subserviência, ou da fragilização, ou da sedução, ou da zombaria, ou da supremacia nos esportes, ou com notas mais altas. Com isso o professor também evita um julgamento equivocado por partes dos pais, pois é necessário também eles melhor compreendam as inúmeras origens das atitudes de cada filho, pais e escola sempre juntos em uma parceria para ajudar cada aluno em suas situações, suas relações, sua formação e seu aprendizado.

Por isso, é possível concluir que os pais desinformados podem criar diversas situações e expectativas sobre os filhos de modo a trazer reflexos ao longo de suas vidas. Não existe receita ou escola para pais perfeitos, pois cada um deles é pai diferente e uma mãe diferente de cada criança diferente, de acordo com o contexto diferente de momento diferente.

REFERÊNCIAS

ADLER, ALFRED. (1924). *Prática y Teoría de la Psicología del Individuo*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1953

_____. (1926). *Fundamentals of Individual Psychology*, in *Journal of Individual Psychology*, 26(1). Burlington, Maio de 1970; pp.36-49.

_____. (1927). *A Ciência da Natureza Humana*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1963.

REIS, MAGALHÃES, GONÇALVES. Alfred Adler e a psicologia individual, cap. 3 In: *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Pedagógica e universitária, 1984.

SALLES, ARTHUR- A: Psicologia e Educação – *Distúrbios do Comportamento da Criança* - Vol.II. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Psicoterapia e Psicanálises, 1983.